

INTRODUÇÃO

I. Obras Anteriores

O mundo inteiro diz palavrão: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas. Ernst Borneman publicou *Sex im Volksmund - O sexo na linguagem popular* - Editora Rowohlt, Hamburgo, Alemanha, reunindo palavrões, expressões que nos círculos finos são quando muito entendidas, mas não admitidas, por serem normais entre as prostitutas, os chulos e as minorias sexuais. Comentando o trabalho de Borneman, Ernst Liber¹ diz que "um dicionário de gíria proibida é também importante do ponto de vista etnológico e etnopsicológico". Outro dicionário publicado em Paris² contém mais de nove mil termos franceses de ofensas. Na Inglaterra circula, segundo informa Louis Benjamin no *Ladies Home Journal*³, um Dicionário de insultos em cinco línguas, "o primeiro guia prático destinado expressamente a turistas que têm de lidar com bagagens perdidas, reservas malfeitas, café frio, mau serviço e contas exorbitantes". O capítulo XVI do guia, intitulado Expressões corteses em língua árabe, editado em inglês e vendido aos turistas em Beirute, traz o paradoxal nome de "Como insultar e praguejar em língua árabe".⁴

II. Arte & Palavrão

Uns são contra o palavrão, admitindo o seu uso por outros somente em determinadas ocasiões. Cacilda Becker defendia-o no teatro: "Quando o palavrão vem dentro de um espetáculo de cultura e atende às necessidades indiscutíveis de esclarecimento do público - em todo o Brasil normalmente culto - faz parte da obra de arte e é absolutamente justificado. Condená-lo é uma atitude, se não hipócrita, ao menos ignorante".

Oduvaldo Viana era totalmente favorável ao uso do palavrão no teatro, acrescentando, porém: "Não é qualquer um que consegue usá-lo bem; o seu emprego é uma arte".

O escritor Gilberto Freyre opina: "No momento exato, sim, o palavrão é necessário. É insubstituível. Em termos por assim dizer fisiológicos, ele é, num momento desses, equivalente do arrotto ou do peido alto. Mas como o arrotto ou o peido, aliviando um indivíduo, ofende o olfato e os ouvidos dos circunstantes que não sintam, no momento, igual necessidade de alívio ou de desabafo. Daí a necessidade de ser reduzido o seu uso ao inevitável. Isto na vida real. Isto, por analogia, no teatro e na literatura. Quando insubstituível ou inevitável, que venha o palavrão. Inútil qualquer substituto para p... ou merda".

O crítico Álvaro Lins esclarece: "De modo nenhum quero ser incluído entre os hipócritas que defendem a tese da existência de palavras que se dizem, mas não se escrevem. Acho que podem ser escritas todas as palavras que são pronunciadas, mas quando elas se enquadram numa forma de arte literária, quando correspondem a uma necessidade estilística, e nunca com o fim exclusivo de escandalizar ou provocar sucesso entre leitores ingênuos ou corrompidos."

O grande romancista Graciliano Ramos disse, certa vez, que gostava dos palavrões escritos e falados.

O teatrólogo Valdemar de Oliveira também disse: "Enganam-se os que pensam que sou contra o palavrão no teatro. O palavrão é a palavra pesada, chocante, pouco comum, pornográfica, que tem, entretanto, sua adequação a certos climas psicológicos, que se tornam

naturais em ambientes de degradação moral (e se não surgirem no discurso teatral fazem falta e provavelmente falseiam a ação)".

Em declarações prestadas à imprensa carioca, o juiz Eliézer Rosa, da 8ª Vara Criminal da Guanabara, conhecido por suas sentenças justas e humanas, afirmou: "Notase que a semântica do palavrão oferece margem a um estudo de muito interesse, porque há um visível enfraquecimento de sentido da palavra. Existe até o palavrão carinhoso, pois nem sempre o palavrão significa, realmente, o que sua literalidade quer dizer. É uma interjeição lançada pelo homem zangado, decepcionado, irritado, surpreendido por uma situação inesperada, por um choque ou dor momentânea. Mas o teatro aí está, e deve ser ele a quem deve ser confiada a tarefa de tornar abominável o uso do palavrão e não ser o veículo dessa ferrugem da língua e da alma. O palavrão é o solecismo da alma, é a errada sintaxe de regência dos espíritos corrompidos pela pobreza da linguagem e pobreza de espírito. Tudo pode ser dito com arte e beleza sem o emprego sujo do palavrão."

III. Os Gramáticos

Problema sociolinguístico, o palavrão nunca teve seu uso tão generalizado quanto hoje, simplesmente porque o povo é quem faz a língua que fala, quem lhe dá o colorido, o pitoresco da gíria e do palavrão. Os gramáticos fazem as leis que governam as palavras. A verdade é que o povo quase nunca respeita os gramáticos, considerados pessoas muito secas, sem imaginação, e que ao escreverem a gente tem a impressão de estar diante de porta-vozes do Saara. Falar castiçamente uma língua é horrível; é assim como ir à praia de fraque, cartola e calçado. Sem saber latim ou história, o povo vai falando espontaneamente, criando palavras novas que os gramáticos acham erradas, palavras essas que depois de algum tempo vão parar no dicionário, alcançando das elites uma espécie de reconhecimento oficial, através de uma vitória natural sobre a resistência das normas de gabinete. Assim é que os dicionaristas já estão registrando palavras e palavrões criados pelo povo, a exemplo de Aurélio Buarque de Holanda, Silveira Bueno e Raimundo Girão.

IV. Palavrão, Lei & Censura

O palavrão - comenta ainda o juiz Eliézer Rosa - "pode ser enquadrado no Código Penal e na Lei das Contravenções Penais. O palavrão escrito pode ser considerado crime; o dito na rua pode ser considerado contravenção. Tudo depende das circunstâncias de cada hipótese".

Daí, a censura. Apesar, porém, da censura, a letra de algumas canções ou filmes e certos programas de televisão invadem, de surpresa, lares audiovisualmente, sujeitos apenas a horários, como se as crianças de hoje dormissem tão cedo como antigamente. Este é, já, outro problema: problema que varia de acordo com a formação moral, a educação, a idade dos censores e da sociedade censurada. Varia, também, de país para país, e tanto é assim que o Supremo Tribunal dos Estados Unidos impediu a condenação de A. Rosenfeld, Malliz Ewis e Wilbert Brown, que disseram palavrão em público.

V. Este Dicionário

Desde 1968 comecei a tomar notas, guardar recortes de jornais e revistas, abonações de romancistas brasileiros e a fazer fichas, material destinado a um trabalho que comecei a chamar de Vocabulário popular do sexo, até que o escritor Gilberto Freyre sugeriu que o trabalho adquirisse, sob o critério científico, o caráter de um dicionário, de tal modo que ficassem também incluídos os chamados palavrões, semelhante ao que foi publicado na Alemanha.

Entreguei-me à obra. Tratei de distribuir quatro mil formulários, procurando penetração em todas as regiões brasileiras, consultando todas as camadas sociais, pessoas dos mais diversos níveis intelectuais, de ambos os sexos, das mais variadas idades e condições econômicas, numa tentativa de fazer chegar o problema ao conhecimento de todos, indistintamente.

A imprensa falada, escrita e televisionada aproveitou o ineditismo da pesquisa em língua portuguesa para manchetes, comunicando o fato sob os mais variados enfoques e através das mais contundentes conotações. Jornais e revistas do Nordeste e do Sul do país, e até mesmo de Portugal, comentaram tanto o assunto a ponto de dividir os leitores em prós e contras quanto à elaboração deste Dicionário do palavrão e termos afins. Enquanto isso, os formulários foram chegando de todas as regiões brasileiras e de Portugal continental. E quando parei de receber formulários devidamente preenchidos, num total de três mil, seiscentos e vinte (3.620) unidades, entendi que havia chegado o momento de começar a trabalhar. Trabalho que, logo concluí, não deveria ser realizado por uma só pessoa, mas por uma equipe de especialistas e com titulares em Psicologia Social, Sociologia, Linguística, Etnografia etc.

Apurada a pesquisa, constatei:

- 1) Apenas 56 pessoas, entre as 3.620 consultadas, não aprovaram a idéia de dicionarizar o palavrão.
- 2) O homem, o jovem e o pobre falam mais palavrão do que a mulher, o velho e o rico.
- 3) A criança de hoje ganha da de ontem quanto ao uso do palavrão; e o aumento dos meios de comunicação (televisão etc.) foi o motivo mais apontado.
- 4) O romancista Jorge Amado foi considerado o escritor que mais usa o palavrão em sua vasta obra literária, na qualidade de um dos mais lidos escritores brasileiros, pois suas edições somaram cerca de três milhões de exemplares em língua portuguesa.
- 5) Acharam muitos que Jorge Amado usava o palavrão na hora certa, no momento exato, sem abusar.
- 6) O palavrão foi considerado, na maioria das vezes, necessário, até mesmo para evitar o enfarte do miocárdio e descarregar o homem de tensões emocionais, funcionando como uma válvula de escape, um desabafo - declarou Olímpio Bonald Neto.
- 7) Monsenhor Sales, do Recife, garante que motorista de táxi é quem mais diz palavrão, conseqüência dos aperreios do tráfego.
- 8) Quase todos falam palavrão; quando não falam, pensam.
- 9) Mãe, por ser a pessoa mais querida de todos nós, é a pessoa mais xingada, o mesmo acontecendo com marido enganado.
- 10) O nu erótico não pode ser considerado um palavrão plástico.
- 11) Diversos nomes próprios são eufemismos dos órgãos sexuais.
- 12) Um palavrão do Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa.
- 13) O palavrão de ontem se acomodou ao vocabulário atual como qualquer outra palavra.
- 14) O palavrão mais usado entre nós é merda, que é também o mais utilizado pelos franceses.

15) A língua portuguesa, tão rica como é, perdeu para a alemã (9.000) e a francesa (9.000) em quantidade de palavras, pois só consegui verbetear pouco mais de três mil palavras e termos afins, muitos deles com abonação dos mais consagrados escritores brasileiros, o que me obrigou a ler mais de duzentos romances e consultar quase outras tantas obras.

Aqui está o resultado do trabalho, sempre incompleto em virtude da criação sucessiva de novas palavras, cada dia que passa. Ficarei, no entanto, satisfeito se esta obra significar uma contribuição, embora modesta, ao estudo da linguagem popular, com possíveis relacionamentos a outras disciplinas como a Linguística, a Etnografia, a Psicologia Social e a Sociologia brasileiras.

Acreditava poder dar ao palavra um tratamento geográfico, mas observei a impossibilidade de aprisionar regionalmente as palavras, principalmente num país com as dimensões do nosso. Impossibilidade determinada também por vários fatores, entre os quais os novos meios de comunicação em uso, a mobilidade demográfica natural e as frentes de trabalho criadas para a construção de obras como a cidade de Brasília, a Transamazônica. Existem ainda outros pólos de atração da mão-de-obra, a provocar deslocamento de populações, como a cafeicultura no Paraná, as indústrias sulistas e outros interesses que tentaram e continuam tentando, por exemplo, o nordestino sempre a fugir do desemprego, e levando no matulão o seu vocabulário regional, as suas crenças e os seus costumes para misturar com os do Sul que, por sua vez, vieram dos quatro cantos do mundo.

Quero agradecer o estímulo e a colaboração de todos que responderam ao formulário, entre os quais João Felício dos Santos (Rio de Janeiro), João Chiarini (São Paulo), Paulo Kruehl de Almeida (Porto Alegre), Norlândio Meireles (São Paulo), Carlos da Silva Mendes (Porto, Portugal), Jayme Griz (Recife) e tantos outros.

Olinda, Pernambuco, agosto, 1979.

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário do Palavra e termos afins*. Rio de Janeiro: Record, 1990.173 p.